

O DESENVOLVIMENTO DAS SETE *SKILLS* DO INGLÊS: UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA A PROFICIÊNCIA NA LÍNGUA INGLESA

Juliana Rodrigues de Lima¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar possíveis estratégias para o ensino de língua inglesa voltado para as demandas do uso dessa língua atualmente, além da busca do alcance de uma proficiência, tendo como objetivo um processo de aprendizagem mais prazeroso e eficaz. Para isso é necessário investigar quais são os melhores caminhos levando em conta os recursos disponíveis (tecnológicos, analógicos), quais são essas demandas (nível de proficiência maior, globalização, letramento digital), etc. Assim, esta pesquisa foi fundamentada numa revisão bibliográfica a fim de encontrar as respostas essenciais para a construção da ideia proposta no trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Métodos de Ensino. Ensino de Inglês como L2. Metodologia Ativa.

ABSTRACT

This study aims to present possible strategies for teaching the English language that address the current demands of its usage, in addition to pursuing the attainment of proficiency, with the objective of making the learning process more enjoyable and effective. To achieve this, it is necessary to investigate the best approaches, taking into account the available resources (technological, analog), the specific demands (higher proficiency levels, globalization, digital literacy), etc. Thus, this research is based on a literature review to find essential answers for constructing the proposed idea in the study.

KEYWORDS: Teaching Methods. Teaching English as a Second Language (ESL). Active Methodology.

¹

Mestranda em Estudos da Linguagem (UFRN); Graduada em Letras-Português/Inglês (FCE); Graduada em Letras - Língua Portuguesa (UnP).

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar possíveis estratégias para o ensino de língua inglesa voltado para as demandas do uso dessa língua atualmente, além da busca do alcance de uma proficiência, tendo como objetivo um processo de aprendizagem mais prazeroso e eficaz. Para isso é necessário investigar quais são os melhores caminhos levando em conta os recursos disponíveis (tecnológicos, analógicos), quais são essas demandas (nível de proficiência maior, globalização, letramento digital), etc. Assim, esta pesquisa foi fundamentada numa revisão bibliográfica a fim de encontrar as respostas essenciais para a construção da ideia proposta no trabalho.

A princípio, será feita uma recapitulação dos métodos existentes para o ensino do inglês como uma segunda língua, com isso será levantada uma discussão de qual método é considerado mais eficaz tendo em vista os documentos oficiais da educação e pelo o que vem sendo demandado hodiernamente, além do questionamento de qual método vem sendo aplicado em sala de aula. Tendo em vista a abordagem comunicativa e a necessidade de uma aprendizagem holística de uma língua será dado ênfase às habilidades necessárias para o domínio pleno do idioma alvo (no presente trabalho são considerados sete, que são a saber: *reading*, *listening*, *writing*, *speaking*, consciência metalinguística e interculturalidade). Finalmente, teremos sugestões de implementação para o desenvolvimento dessas habilidades nas aulas de inglês, assim como para o objetivo final, que é a comunicação plena com a língua inglesa com pensamento crítico visando a sociedade globalizada, intercultural e digital.

2. AS DIFICULDADES DO ENSINO DO INGLÊS COMO L2

Primeiramente, é necessário uma breve recapitulação dos métodos de ensino do inglês, discutiremos qual a abordagem que as instituições alegam seguir, também estando presentes nos documentos oficiais, e qual é o método que se encontra verdadeiramente presente nas salas de aulas.

2.1 UMA REVISÃO DOS MÉTODOS DE ENSINO DE L2

O método clássico, também conhecido como gramática-tradução, baseava-se no ensino do latim, consistindo em ensinar as regras gramaticais da língua e a habilidade de leitura. E segundo esse método, para desenvolver a leitura era necessário apenas decorar listas de vocabulários e as regras gramaticais, praticando o que era aprendido ao traduzir frases e

textos. As aulas eram ministradas na língua materna, e tinha apenas como objetivo o “desenvolvimento do espírito”, por isso o foco na gramática.

Mas já naquela época surgiam críticas com relação ao método, cujos procedimentos eram considerados inadequados para o ensino de uma língua viva. Reivindicava-se uma reformulação total do ensino das línguas estrangeiras modernas, a começar pelo emprego imediato e direto do idioma alvo em sala de aula, em vez de usar predominantemente a língua materna. Os críticos chegaram à conclusão de que falar a língua materna em sala de aula atrapalhava mais do que ajudava na aprendizagem do inglês. (UPHOFF, 2008, p. 2)

Os críticos ao método gramática-tradução consideravam inadequado aplicar a forma de ensinar uma língua morta para uma língua viva. Além do mais, consideravam que apenas aprender a ler e a traduzir não significa que estava dominando a língua, muito menos decorando todas as regras gramaticais. Para dominar uma língua era preciso também falar, e para adquirir a habilidade de fala era necessário induzir que o aluno pensasse na língua estrangeira. Assim sendo, nas aulas era apenas utilizado o inglês, faziam associações entre o léxico e o objeto, e por meio da prática o aluno deveria responder as perguntas realizadas pelo professor. Tinha-se uma grande preocupação com a pronúncia correta e deveria ser seguido a “ordem natural” da aquisição de uma língua. Esse método denominava-se método direto.

Posteriormente, durante a segunda guerra mundial, com a interação entre vários países, houve a necessidade do aprendizado das línguas estrangeiras de forma mais eficaz. Assim surgiu o método audiolingual por meio de estudos de diversas universidades nos Estados Unidos da América. O aprendizado de uma língua estrangeira, por meio deste método, deve focar nas estruturas sintáticas aprendidas por meio de diálogos que eram repetidamente ouvidos pelo aluno. Com isso surgiu os laboratórios de línguas, que consistiam numa sala onde o aluno poderia ouvir os diálogos, tentando pronunciá-los e repetindo-os diversas vezes. O audiolinguismo baseava-se no behaviorismo e na corrente linguística estruturalista.

Por fim, a abordagem comunicativa considera que o objetivo do aprendizado de qualquer língua é a comunicação, e para nos comunicarmos com eficiência é fundamental aprendermos as quatro habilidades de uma língua - escrita, leitura, fala e compreensão -. E não só essas habilidades, mas também compreender a cultura que rodeia essa língua, assim como inserir sua própria cultura na sua prática discursiva. Ou seja, partindo dos pressupostos da análise do discurso, as vivências e a interação são extremamente importantes para o desenvolvimento da proficiência em um novo idioma. Além de que a imersão cultural é necessária para a compreensão total das expressões da segunda língua, da mesma forma que

utilizamos nosso meio para compreendermos as expressões presentes na nossa língua materna.

2.2 E O QUE É ENSINADO NAS AULAS DE INGLÊS

Após a apresentação dos principais métodos de ensino da língua inglesa, podemos passar a questionar como é ensinado nas escolas brasileiras. Foram utilizados dois documentos oficiais, a saber: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo o último mais recente. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais percebemos uma ênfase na abordagem comunicativa, apresentando como justificativa a natureza sociointeracional da língua. Também utiliza como justificativa a questão da globalização e a necessidade da proficiência na língua inglesa. Porém, no mesmo documento é apontado uma maior presença do ensino das regras gramaticais de forma descontextualizada nas salas de aula. Também traz a justificativa de que a leitura é ainda a única habilidade desenvolvida (quando o ensino é eficaz) por conta do uso imediato da grande maioria dos alunos brasileiros.

Mostrando-se, assim, algo contraditório. Pois, como pode ser afirmado que a abordagem comunicativa é a adotada pelas escolas quando claramente a mais presente, pelas características, é a gramática-tradução? Tendo, no máximo, nas escolas particulares e até especializadas em línguas alguns resquícios dos demais métodos (direto e audiolingual). Ademais, como pode-se assumir a natureza sociointeracional da língua se é apenas ensinado uma habilidade em sala de aula?

Na Base Nacional Comum Curricular é reiterada a necessidade do aprendizado das quatro habilidades, chamadas no documento de eixos, sendo adicionado outros dois eixos (consciência metalinguística e a dimensão intercultural). Tendo em vista a globalização e o uso da língua inglesa como língua internacional, franca. As competências que devem ser desenvolvidas nas aulas de inglês têm como base esses seis eixos, para a aprendizagem da total fluência e para o uso consciente de uma segunda língua pelos estudantes brasileiros. Isso deve-se por que a comunicação com pessoas de todas as partes do mundo vem se tornando cada vez mais frequente, e também vem sendo facilitada, por conta da internet. Dessa forma, para uma melhor inserção social o pleno uso da língua franca (inglesa) juntamente com o pensamento crítico é imprescindível.

Esse entendimento favorece uma educação linguística voltada para a interculturalidade, isto é, para o reconhecimento das (e o respeito às) diferenças, e para a compreensão de como elas são produzidas nas diversas práticas sociais de

linguagem, o que favorece a reflexão crítica sobre diferentes modos de ver e de analisar o mundo, o(s) outro(s) e a si mesmo. (BRASIL, 2017, p. 242)

Como educadores devemos sempre nos questionar se o que está sendo aplicado em sala de aula está cumprindo com o objetivo final do ensino de uma língua, a comunicação, ou se estamos apenas repetindo os passos de ensino de uma língua morta. Por isso, conhecer acerca da evolução dos métodos de ensino é importante na formação docente, atribuindo-nos uma visão mais crítica e analítica das nossas práticas educativas, e não somente reproduzindo o que vivenciamos na posição de discentes. Mesmo que estas práticas estejam tão enraizadas no sistema de ensino. Como é mostrado em um estudo realizado por ABRAHÃO (1997):

Muito embora os professores envolvidos tenham demonstrado em sua prática algumas modificações em nível das estruturas de participação e de ações e procedimentos metodológicos, dois anos e meio de projeto foram insuficientes para que chegassem a rever suas concepções básicas de linguagem de ensino e de aprendizagem. (ABRAHÃO, 1997, p. 16 e 17)

3. POSSÍVEIS IMPLEMENTAÇÕES PARA O ENSINO DE L2

Como foi bem retratado anteriormente, desde a aplicação do método clássico até os dias atuais a habilidade no inglês mais desenvolvida em sala de aula foi a leitura, tendo diferentes justificativas para essa ênfase. Contudo, o desenvolvimento de somente uma *skill* já vem sendo duramente criticada, tendo os seguintes argumentos: não se domina uma língua apenas aprendendo uma de suas habilidades; o objetivo de uma língua é a comunicação, por isso não faz sentido não desenvolver a oralidade; atualmente, com a globalização, a sociedade demanda uma fluência mais aprofundada no idioma, etc.

Assim, pode-se notar que o uso de uma habilidade leva ao uso de outras. Dessa forma, não faz sentido isolar as habilidades para estudá-las. Nesse sentido, Hinkel (2006, p. 113; tradução nossa) enfatiza que: "Em comunicação significativa, as pessoas empregam competências linguísticas incrementais não isoladamente, mas em conjunto". Nesse cenário, há uma nova tendência no campo de ensino de Língua Inglesa: a integração das quatro habilidades linguísticas. (ARAÚJO; DIAS, LOPES, 2015, p. 3 e 4)

Outrossim, como vem sendo discutido no presente artigo, o método tradicional de ensino encontra-se totalmente defasado por não atender às demandas atuais para a língua inglesa, como também por não se encaixar nos parâmetros de aprendizagem para a sociedade atual. As metodologias ativas e uma aprendizagem integral são consideradas, atualmente, a melhor alternativa para aplicar em sala de aula a fim de envolver os alunos, motivá-los e

promover um ensino de qualidade. Pois, levam em conta as qualidades dos estudantes, os recursos disponíveis, e desenvolve o educando para enfrentar a sociedade atual.

Antes de nos aprofundarmos nas metodologias ativas, o que seriam as setes *skills* do inglês? A partir do que está sendo discutido até então, estariam envolvidas as quatro habilidades clássicas para o domínio de uma língua (*reading, listening, writing, speaking*), estando presente também a interculturalidade, a consciência metalinguística e, por fim, o letramento digital. Com isso estaríamos desenvolvendo as competências necessárias para o uso do inglês nos dias hodiernos.

Muitos autores destacam os grandes benefícios da integração, como também mostram que, naturalmente, as habilidades são interligadas, uma reforça o estudo da outra. Segundo Tajzad e Namaghi (2014, p. 94), através da segregação das quatro habilidades o aprendiz pode até adquirir conhecimento linguístico, mas não saberá como usá-lo adequadamente numa situação real de comunicação. Já a integração prioriza o uso da língua, visto que simula como ocorre a comunicação em contextos reais. (ARAÚJO; DIAS, LOPES, 2015, p. 5)

3.1 A METODOLOGIA ATIVA NO ENSINO DO INGLÊS

Primeiramente, vamos nos aprofundar acerca das metodologias ativas, suas características e o porquê que devemos usar como base das aulas, não só de língua inglesa, assim como das demais disciplinas. Enquanto que na metodologia tradicional a aprendizagem é mecânica (decoração de fórmulas e regras), o professor é o único detentor do conhecimento e o aluno tem um papel passivo no processo.

Na metodologia ativa, ou método ativo, os educandos têm papel fundamental no seu processo de aprendizagem. O educador recebe o papel de facilitador, de mediador diante da quantidade de informações disponíveis atualmente, mediando qual o caminho para transformar a informação em conhecimento. Trazendo práticas significativas para seus alunos, alinhando os objetos de aprendizagem com os conhecimentos prévios, entre outras estratégias. Não se preocupando apenas com a formação formal dos educandos, mas também com sua formação social e emocional.

Curador, que escolhe o que é relevante entre tanta informação disponível e ajuda a que os alunos encontrem sentido no mosaico de materiais e atividades disponíveis. Curador, no sentido também de cuidador: ele cuida de cada um, dá apoio, acolhe, estimula, valoriza, orienta e inspira. Orienta a classe, os grupos e a cada aluno. Ele tem que ser competente intelectualmente, afetivamente e gerencialmente (gestor de aprendizagens múltiplas e complexas). (MORAN, 2015, p. 24 *apud* DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 278)

O professor deve auxiliar os estudantes a desenvolver o pensamento crítico diante da realidade, para que a indagação e a reflexão sejam imperativos nas práticas desses sujeitos, independentemente da posição social que forem ocupar futuramente. A autonomia do indivíduo é uma das características mais demandadas no mercado de trabalho atual, por isso que o desenvolvimento para lidar com as situações com autonomia e ética deve iniciar na escola, o protagonismo do aluno frente aos processos de aprendizagem é o caminho para essa construção. E como os professores de língua inglesa podem aplicar a metodologia ativa nas suas aulas?

Para Oxford (1989), é certo que as metodologias ativas, como a de memória e análise são extremamente úteis para compreender e lembrar de novas informações. Como tal, elas ajudam a desenvolver habilidades de comunicação. Um exemplo desse tipo é quando um aluno usa a inferência ou adivinhação para entender melhor um significado em língua estrangeira. As estratégias de memorização são usadas porque há algo para lembrar. As afetivas são usadas para ajudar os alunos a relaxar e ganhar confiança. (BATISTA, 2022, p. 7 e 8)

4. AS SETE SKILLS PARA O DOMÍNIO DO INGLÊS

Diante de tudo que foi tratado, a fim de desenvolver as sete *skills* para o inglês, será agora detalhado algumas possíveis estratégias para serem aplicadas em sala de aula. Que são, a saber: transferência linguística, o uso das músicas para o *listening*, o audiovisual (séries, filmes e vídeos) a favor das aulas e a utilização de RPG via chats virtuais como ferramenta de aprendizagem. Cada uma dessas estratégias serão pormenorizadas a seguir.

Inicialmente, a transferência linguística é um método que já se mostrou eficaz, principalmente para a familiarização entre os alunos iniciantes. Consiste em realizar comparações e analogias entre o vocabulário, a sintaxe, entre outros elementos (culturais, religiosos, econômicos) entre a língua materna e a língua inglesa. Sendo uma introdução para a aquisição de vocabulário, a partir das palavras compartilhadas entre os dois idiomas, e uma compreensão inicial de como funciona a organização na língua que será aprendida. Sendo uma ponte, também, para a interculturalidade.

Essa estratégia segue o contrário dos métodos direto e audiolingual, já que nesses dois é evitado o uso da língua materna. Contudo, já foi notório que a obrigatoriedade do uso da língua estrangeira em aula acaba travando os alunos, deixando-os com falta de confiança e de motivação.

Estudos sobre as influências da L1 na aquisição de uma L2 não são recentes, ademais, tendo visões negativas como na corrente behaviorista, contudo numa visão qualitativa temos:

Corder (1983, republicado em 1993) afirmou que a L1 é uma ferramenta que auxilia o adquirente na descoberta das propriedades formais da L2, sobretudo nas áreas em que essas línguas compartilham semelhanças (Ibidem, p. 29). Essa formulação, observa Corder, destaca o papel facilitador da língua materna, mas não implica que, não havendo facilitação, haja inibição. Ao final de sua exposição, Corder conclui ser inconcebível pensar a aquisição como um processo isento da influência de conhecimentos linguísticos prévios (Ibidem, p. 29). (VILELA, 2009, p. 27 e 28)

Podemos empreender das ideias de Corder citadas por Vilela (2009) o que já estávamos falando anteriormente acerca da transferência linguística como ferramenta para o aprendizado de uma segunda língua. De forma mediada o reconhecimento e a analogia entre os vocábulos e a estrutura sintática das duas línguas pode auxiliar o aluno na aquisição de vocabulário e na familiarização com a estrutura do idioma alvo de forma otimizada, além de apontar os possíveis erros que podem ser cometidos por influência da L1.

Sendo imprescindível para a formação do sistema chamado interlíngua, abordado por Vilela (2009), que consiste na interseção entre as línguas materna e estrangeira. Além de que, a tradução literal das palavras muitas vezes não revelam o verdadeiro significado das frases, e se aprofundar na cultura da L2, em diálogo com a própria cultura, é enriquecedor para compreender essas expressões.

Como segunda ferramenta temos a música, que de acordo com diversos estudos, a utilização da música nas aulas de língua inglesa podem: familiarizar o aluno com a escuta (compreensão auditiva) do novo idioma, introduzi-lo na pronúncia, além de auxiliá-lo na aquisição de vocabulário. Por conta da melodia, da simplicidade, da sonoridade, da relação com as emoções, as músicas possuem como vantagem uma maior fixação na memória. Aliás, a relação intrínseca da música com a afetividade, juntamente com os interesses dos alunos, promoverão aulas mais leves, motivadoras e descontraídas, tendo uma abertura maior dos estudantes para o novo.

A segunda razão citada por Miragaya, aponta o ritmo e melodias de canções como responsáveis pela retenção de diferentes tipos de informação na memória, especialmente vocabulário. Isso, ela atribui ao som e cor que são somados às palavras quando aparecem nas músicas. Julgamos haver uma grande diferença entre a linguagem pura, destituída de qualquer artifício e a linguagem somada à melodia. A última parece ser mais rica, imaginosa, envolvente, enfim. Em consequência, os alunos tornam-se mais sensíveis e emotivos, este canal afetivo propicia a armazenagem de experiências e impressões no cérebro, assim como a fixação de estruturas e palavras (GOBBI, 2001, p. 28)

A música já é amplamente usada nas aulas de língua inglesa como L2, sendo considerada uma técnica comum. Todavia, a diferença que devemos pensar como estratégia

pedagógica é a utilização de músicas conhecidas e preferidas pelos alunos, tendo um ambiente de ensino mais familiar e favorável. Outra técnica também amplamente utilizada é a recomendação de séries e filmes, ou até mesmo vídeos (legendados e aos poucos tendo a retirada da legenda), para os alunos se aprofundarem ainda mais na aprendizagem da L2.

Esses dois elementos combinados terão como efeito um aperfeiçoamento da compreensão auditiva do adquirente, um aumento exponencial do vocabulário (indo além dos cognatos, que é o foco da transferência linguística), uma melhora na pronúncia, e até mesmo provocar o efeito de fazer o aluno pensar em inglês (que é fundamental para a formação de frases e textos autorais). Com isso, estamos partindo para mais três habilidades, *listening*, *speaking* e *reading*.

Segundo Spanos e Smith (apud Sousa, 2005:54), a melhora na habilidade de leitura pelo uso de filmes legendados pode se dar por meio da associação visual entre palavras e imagens, pelo desafio para ler com rapidez e identificar as palavras-chave, pela oportunidade para observar qualquer discrepância entre legenda e áudio e pela oportunidade para estudar a correspondência entre língua falada e escrita. A apresentação multisensorial da imagem, linguagem oral e palavras escritas simultaneamente nos filmes legendados favorece a aquisição de novos conceitos, ao mesmo tempo que fornece contexto para o uso das palavras, reforçando assim, a aquisição de novo vocabulário. Esta associação de áudio, imagens e escrita também pode beneficiar os alunos que usam estratégias de aprendizado diferentes. (GOMES, 2006, p. 32)

Anteriormente foram citadas três estratégias mais comumente abordadas nas aulas de L2, sobretudo as duas últimas (música e audiovisual). Finalmente, a última estratégia pode ser considerada menos usual, porém pode trazer grandes benefícios em sala de aula, que é o uso de *Role-playing game* (RPG) para o aprendizado do inglês. Sendo assim, um recurso que estimulará a criatividade, a produção oral/escrita (desenvolvendo as *skills writing* e *speaking*), as outras habilidades (*reading* e *listening*) e, sendo bem guiado pelo professor, poderá abranger variadas temáticas promovendo a interpretação e o pensamento crítico. Além de tudo, ao utilizar tanto o rpg de texto quanto de áudio, pode-se usar aplicativos de conversa (*chats*) virtuais, podendo inserir o letramento digital nesta fase do aprendizado.

Frederik Comilliea, et al. (2009) defenderam o uso do roleplaying game (RPG) digital para aquisição de segunda língua, alegando que o sucesso em tais jogos requer muita leitura, compreensão e seu uso educacional pode ser melhorado ao adaptar o conteúdo para a pedagogia da linguagem. Eles passaram a sugerir que o senso de urgência, em relação ao uso da linguagem, é semelhante ao do mundo real, no entanto, os jogos fornecem um ambiente seguro sem as consequências reais da palavra quando os alunos cometem erros. (OLIVEIRA, 2019, p. 26)

Vale salientar que as estratégias pedagógicas apresentadas foram postas em ordem crescente, ou seja, para um melhor progresso do educando recomenda-se uma introdução por meio da transferência linguística, com acréscimos por meio de músicas, com o professor notando uma maior facilidade de identificação de algumas palavras iniciar o uso do audiovisual (partindo de vídeos para séries mais longas, também aumentando a dificuldade do léxico progressivamente).

E, por fim, colocar em prática o uso das quatro habilidades e das demais (interculturalidade e letramento digital) com a última ferramenta, que é o RPG, onde o aluno passaria a produzir textos autorais (orais e escritos). Desde a primeira estratégia o educador pode inserir temáticas para desenvolver o pensamento crítico nos mais diversos temas, além de introduzir a questão do letramento digital que é de fundamental importância nos dias atuais.

5. CONCLUSÃO

Podemos concluir, então, que por meio desses recursos mais familiares para o aluno conseguiremos uma proximidade e abertura maior para o aprendizado, podendo alcançar maior eficácia do que seguindo os métodos tradicionais. Vale frisar, também, que o ensino da gramática não será totalmente deixado de lado, pelo contrário, por meio de objetos de estudo que contenham a modalidade formal como a predominante (como uma palestra, por exemplo), haverá discussões com os alunos sobre as estruturas presentes nessa modalidade, da mesma forma com a apresentação de gírias e expressões informais. Haja vista que pretendemos desenvolver, como objetivo final, a habilidade de comunicação do aluno, e para se comunicar bem é necessário conhecer todas as modalidades da língua.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. V. **Conflitos e Incertezas do Professor de Língua Estrangeira na Renovação de sua Prática de Sala de Aula**. Sínteses, Campinas, SP, v. 2, p. 11-18, 1997.

ARAÚJO, A. F.; DIAS, D. L. F.; LOPES, F. E. de F. Integrando as Quatro Habilidades Linguísticas no Ensino de Língua Inglesa. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2, 2015, Campina Grande. **Anais CONEDU**. Paraíba: Realize, 2015.

BATISTA, J. de L. L. A Importância das Metodologias Ativas para o Ensino da Língua Inglesa na Escola Pública. *Ciência em Evidência*, Capivari, SP, v.3, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. p. 241-263.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Estrangeira. Brasília: MEC, 1998.

DIESEL, A.; BALDEZ, A. L. S.; MARTINS, S. N. **Os Princípios das Metodologias Ativas de Ensino: uma abordagem teórica.** Revista Thema, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.

GOBBI, D. **A Música Enquanto Estratégia de Aprendizagem no Ensino de Língua Inglesa.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Caxias do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

GOMES, F. W. B. **O Uso de Filmes Legendados como Ferramenta para o Desenvolvimento da Proficiência Oral de Aprendizes de Língua Inglesa.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

OLIVEIRA, L. C. **O RPG Como Alternativa de Ensino de Língua Inglesa: utilizando a imaginação como recurso pedagógico.** TCC (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2019.

OXFORD, R. L. (1989). **Use of Language Learning Strategies: A Synthesis of Studies with Implications for Strategy Training.** System, 17, 235-247. [https://doi.org/10.1016/0346-251X\(89\)90036-5](https://doi.org/10.1016/0346-251X(89)90036-5).

UPHOFF, D. **A história dos Métodos de Ensino de Inglês no Brasil.** In: BOLOGNINI, C. Z. A língua inglesa na escola. Discurso e ensino. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 9-15.

VILELA, A. C. S. **Transferência Linguística e Transferência de Treinamento na Interlíngua do Falante de Português-L1/Inglês-L2.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.